



ANAIS do 24º Congresso Brasileiro de Espeleologia

Ouro Preto MG, 11-13 de julho de 1997 - ISSN 2178-2113 (online)



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 24º Congresso Brasileiro de Espeleologia disponível gratuitamente em www.cavernas.org.br/24cbeanais.asp

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

FIGUEIREDO, L.A.V.; LA-SALVIA, E.S.. Subsídios para uma cronologia da história da espeleologia brasileira. In: RASTEIRO, M.A.; PEREIRA-FILHO, M. (orgs.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 24, 1997. Ouro Preto. Anais... Campinas: SBE, 2017. p.1-7. Disponível em: http://www.cavernas.org.br/anais24cbe/24cbe_001-007.pdf>. Acesso em: *data do acesso*.

Consulte outras obras disponíveis em www.cavernas.org.br



SUBSÍDIOS PARA UMA CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DA ESPELEOLOGIA BRASILEIRA

Luiz Afonso Vaz de FIGUEIREDO – Seção de História da Espeleologia-SBE (coordenador); Grupo Estudos Ambientais da Serra do Mar (GESMAR).

Eliany Salaroli LA SALVIA – Seção de História da Espeleologia-SBE; Sociedade Excursionista e Espeleológica (SEE).

Resumo

O resgate da memória sobre as atividades nas cavernas brasileiras se faz necessário por possibilitar uma formação espeleológica adequada, valorizar o registro de dados históricos e indicar novos rumos para pesquisas e explorações espeleológicas. A partir de 1994, estruturou-se uma pesquisa bibliográfica, documental e iconográfica, bem como registro de depoimentos orais e aplicação de questionários, cujos dados classificados constituíram o acervo do *Projeto História da Espeleologia Brasileira* (PROHEB). O recorte histórico abrangeu o período de 1690-1996, permitindo uma caracterização cronológica que destacou os marcos históricos e agentes sociais envolvidos. Resgatou-se a atuação da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) e das entidades que consolidaram as atividades espeleológicas no Brasil. O material coletado permitiu distinguir cinco períodos históricos. Os dados obtidos demonstraram, ainda, a trajetória da SBE no período de 1969 a 1996, ressaltando a evolução do número de interessados, de cavernas descobertas e do avanço nos estudos e nas atividades espeleológicas no Brasil.

Palavras-Chave: História da Espeleologia; cronologia; memória; pesquisa documental; SBE; cavernas; Brasil.

Abstract

SUBSIDIES FOR A CHRONOLOGY OF THE HISTORY OF THE BRAZILIAN SPELEOLOGY

The rescue of the memories about activities in brazilians caves are necessary because permit a better speleological training, to value the historical data' s record and to indicate a new way for researches and speleological exploration. From 1994, was structured a bibliographyc, documentary and iconographyc research, as well the register of oral sources and application of questionnaires. The data were c lassified and form with them the collection of the *History of the Brazilian Speleology Project* (PROHEB). The historical view included the period of 1690-1996 that permitted a cronological characterization that emphasized the historical landmarks and the social agents envolved. The Brazilian Speleological Society (SBE) performance was rescued and the others speleological groups that consolidated the brazilian speleological activities were studied, too. The material collected were distinguished in five historical periods. The data obtained demonstrated the SBE's path between 1969-1996, emphasizing the big evolution of the number of followers, of the caves discovery and the advancement in the speleological studies and activities in Brazil.

Keywords: History of the Speleology; chronology; memorie; documentary research; SBE; caves; Brazil.

INTRODUÇÃO

Ao longo da trajetória das atividades realizadas em cavernas brasileiras percebemos a existência de uma memória espeleológica incompleta e desarticulada, o que evidência, no mínimo, falta de tradição oral e escrita de transmissão de informações e de formação adequada dos recursos humanos para atuar em espeleologia. Esse fato acaba acarretando, geralmente, a perda do referencial histórico, gerando problemas, tais como, observarmos espeleólogos iniciantes desenvolvendo atividades repetitivas, desnecessárias ou com bases

inadequadas, o que, muitas vezes, pode provocar acidentes e degradação do patrimônio espeleológico, além de afastar o novato da real preocupação com a preservação das cavernas de suas regiões de atuação e da verificação da importância do trabalho com as populações do entorno das mesmas.

No Brasil, a pesquisa em História da Espeleologia encontra-se ainda em fase inicial, devido ao pouco estímulo e ao pequeno número de dados conservados ou registrados corretamente, além do que, existem dados controvertidos, incorretos ou incompletos e, mesmo assim, são

fundamentais para a reconstrução das origens e dos caminhos trilhados para a exploração, estudo e preservação de cavernas. O resgate da memória espeleológica se faz necessário para difundir a Espeleologia, possibilitar a formação adequada do espeleólogo, facilitar a iniciação do leigo, aproximar mais o veterano do iniciante, valorizar o registro de dados históricos, indicar novos estudos sobre o patrimônio espeleológico, além de organizar um acervo de acesso fácil para consultas e pesquisas e que permitam a elaboração de um referencial, contendo o percurso da espeleologia brasileira.

A História da Espeleologia traz embutida os ricos cenários das atividades nas regiões cársticas do Brasil, nos vários momentos em que elas se desenvolveram, o que propicia a definição de marcos e momentos significativos que retratam a evolução da técnica e da ciência espeleológica, reforçando a importância educativa da recuperação da memória e dos contextos onde ela é produzida.

A primeira tentativa para realizar um levantamento histórico se deve à criação da Comissão Nacional de História da Espeleologia, coordenada por Clayton Ferreira Lino, no início dos anos 80, entretanto, um trabalho sistemático neste sentido somente seria estruturado a partir da criação da Seção de História da Espeleologia da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), em março de 1994, cuja principal atribuição foi desenvolver uma pesquisa para o Projeto "História da Espeleologia Brasileira" (PROHEB).

METODOLOGIA

O presente trabalho consistiu na realização de um estudo exploratório pautado em levantamentos bibliográficos, documentais e iconográficos sobre a história da espeleologia brasileira, iniciado, de forma mais sistemática, em março de 1994. Outros dados estão sendo recolhidos através da aplicação de questionários enviados aos associados da SBE, do registro de depoimentos orais de antigos espeleólogos e de memórias de reuniões dos grupos de espeleologia. Esses dados estão sendo organizados, classificados e cadastrados, constituindo um acervo do PROHEB, que em breve estará sendo disponibilizado, através de publicações específicas ou nos meios de comunicação existentes entre a comunidade espeleológica.

O objetivo principal neste primeiro momento da pesquisa foi obter dados que pudessem fornecer subsídios gerais para a caracterização cronológica dos principais períodos da história da espeleologia

brasileira, destacando os marcos históricos, a produção do conhecimento espeleológico e os agentes sociais envolvidos. O recorte histórico para esse trabalho abrangeu o período 1690-1996, evidenciando os momentos mais significativos e marcantes das atividades nas cavernas brasileiras.

O trabalho também se concentrou em resgatar a trajetória, atuação e evolução do número de sócios individuais e grupos associados da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), além de identificar as principais entidades que propiciaram a consolidação da atividade espeleológica em nosso país.

RESULTADOS

Os resultados obtidos durante a pesquisa, embora preliminares, demonstraram o universo de material documental e os relatos de experiências existentes, sendo que as datas indicadas são relativas ao primeiro evento, primeira edição ou data do original. As referências listadas fazem parte de uma amostragem dos materiais mais significativos e podem ser verificadas as informações completas em SANCHEZ (1986), LINO (1989) e TRAJANO (1992), sendo que muitos desses materiais podem ser obtidos na Sede da SBE, no acervo do PROHEB, com o coordenador da Seção de História da Espeleologia ou na Biblioteca do Instituto Geológico de São Paulo (IG), entre outras fontes documentais e bibliográficas.

Desse modo, com base nos materiais coletados e nos trabalhos sobre memória espeleológica e cronologia da Espeleologia de DEQUECH (1940), PEREZ & GROS SI (1980), FIGUEIREDO (1991), além da proposta elaborada por Eliany Salaroli La Salvia, em 1994, pudemos elaborar um quadro cronológico distinguindo cinco períodos da História da Espeleologia Brasileira:

O primeiro período (1690-1936)

Esse período se inicia com a primeira referência sobre cavernas brasileiras feita pelo Padre Francisco Soledade, em 1717, comentando a visita religiosa à Lapa do Bom Jesus (BA-046) na Bahia, que já deveria estar ocorrendo desde 1690. Outro fato importante foi a presença de naturalistas estrangeiros, tais como: Lund, Krone, Eschwege, Spix e Martius, Saint-Hilaire, Hartt, Branner, entre outros, na descrição e cadastro de cavidades naturais encontradas no Brasil. Peter W. Lund, teve sua atuação em Minas Gerais, no período de 1835-1844,

fazendo prospecções paleontológicas nas grutas da região de Lagoa Santa, enquanto que Sigmund E. Richard Krone, desenvolveu levantamentos paleontológicos, descrição e cadastro de cavernas do Vale do Ribeira, no período de 1897-1909.

Além disso, existem várias citações de naturalistas brasileiros que descrevem cavernas brasileiras, entre eles merecem destaque Ricardo Franco (1786), Alexandre Rodrigues Ferreira (1790 e 1791) e João Severiano da Fonseca (1882), que descreveram grutas na região do atual Mato Grosso Sul. Em Minas Gerais são realizados estudos, em 1803, sobre a obtenção de salitre em grutas do Rio das Velhas por João Vieira Couto. Outro importante naturalista que realizou um levantamento mineralógico na província de São Paulo foi Martin Francisco Ribeiro de Andrada, que, em 1805, descreveu grutas do Vale do Ribeira. Em 1922, é elaborado um interessante compêndio sobre a trajetória da espeleologia brasileira, organizado por Antonio Olyntho dos Santos Pires, como capítulo de uma importante publicação da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro (PIRES, 1922). Em 1934 é publicada a 1ª Edição do livro "Introdução à Arqueologia Brasileira" por Angyone Costa, no qual descreve cavidades brasileiras estudadas por arqueólogos e descreve a atuação de diversos naturalistas do século XIX. (COSTA, 1980)

O segundo período (1937-1963)

O ano de 1937 representa o início do processo de institucionalização da ciência espeleológica no Brasil, em virtude da criação da Sociedade Excursionista e Espeleológica dos Alunos da Escola de Minas de Ouro Preto-MG (SEE), a primeira entidade do gênero na América Latina e que teve o papel de impulsionar as atividades técnicas e estudos científicos em cavernas do Brasil.

Nesse período são publicados importantes trabalhos, tais como: IBGE (1939), sobre as grutas de Minas Gerais; MATTOS (1938, 1939), versando a pré-história brasileira e a atuação de Peter Lund no Brasil e OLIVEIRA & LEONARDOS (1940), representado por um excelente livro sobre a Geologia do Brasil, que destacava a importância das cavernas brasileiras. O período é marcado por estudos sobre a biologia da fauna cavernícola, quando uma interessante pesquisa de Crodowaldo Pavan sobre peixes cavernícolas de Iporanga e os aspectos relativos ao processo de evolução é apresentada, em 1944, como tese de doutoramento, defendida na USP. Entre a década de 30 e 50, foram

publicados, por autores reconhecidos nos meios acadêmicos, artigos sobre a descoberta de novos animais cavernícolas (Mello-Leitão, Schubart, entre outros) e sobre as características do carste cavernas brasileiro (Tricart, Mendes, Dolabella, entre outros).

Em 1958 é feita a primeira tentativa de se criar uma entidade nacional de espeleologia, com a fundação da 1ª versão da SBE no Rio de Janeiro, por cientista e espeleólogos cariocas, alguns de renome nacional. Nesse mesmo ano, é criado o Parque Estadual do Alto Ribeira, através de decreto assinado por Jânio Quadros, na época governador de São Paulo. Além disso, ocorre o fortalecimento da técnica espeleológica com a criação, em 1959, do Clube Alpino Paulista-SP e, em 1960, com a implantação do seu Departamento de Espeleologia, por Michel Le Bret. Em 1959, é criado o Centro Técnico de Espeleologia da Fundação Brasileira de Conservação da Natureza (FBCN), que realizou levantamento detalhado espeleológico do Parque Nacional da Tijuca. Em 1963, é criado o Espeleoclube de Londrina, por Pierre Martin, entidade que desenvolveu importantes levantamentos na Caverna de Santana (SP-041).

O terceiro período (1964-1974)

Nesse período têm início o processo de implantação do turismo na Caverna do Diabo, cujo nome oficial é Gruta da Tapagem (SP-002) e a realização de vários levantamentos nessa caverna e na caverna de Santana (SP-041). Outro marco histórico do início desse período é a realização do primeiro Congresso Nacional de Espeleologia, em Iporanga-SP, começando uma época bastante produtiva para a atividade espeleológica nacional. Vários congressos espeleológicos são realizados em Ouro Preto-MG, organizados pela SEE, que culmina com a criação da 2ª versão da SBE, em 1969, tendo como seu primeiro presidente Michel Le Bret, que por motivos de saúde retorna à França, sendo, substituído, em 1970, por Pierre Martin.

Em 1966, o Instituto Geográfico e Geológico (IGG) edita um boletim contendo artigos sobre grutas calcárias e atividades espeleológicas, elaborados pelo eng.º José Epitácio Passos Guimarães, diretor do Museu Geológico do Estado de São Paulo e Michel Le Bret. A SEE lança, em 1969, o primeiro número da revista Espeleologia, reconhecida como a primeira publicação do gênero no Brasil, enquanto que a recém-criada SBE iniciava o seu boletim informativo, em 1970,

denominado Espeleo-Tema, transformado, a partir de 1976, em revista de divulgação técnico-científica.

Em 1974 é implantado, por Guy C. Collet, o primeiro laboratório subterrâneo da América Latina, inspirado em experiências internacionais. No mesmo ano, é publicado um outro boletim especial do IGG sobre espeleotemas e pérolas de cavernas de autoria de GUIMARÃES (1974). Surgem alguns grupos espeleológicos que tiveram importante papel nacional, o Centro Excursionista Universitário (CEU-1970), o Grupo Espeleológico do Mato Grosso (GEMAT-1970), Centro de Pesquisas Geológicas da UFMG (CPG-1972), o Grupo Espeleológico Bagrus (BAGRUS-1974) e o Grupo Espeleológico "Os Opiliões" (OPILIÕES-1974). O Espeleo Grupo de Monte Sião (EGMS-1972), também criado nesse período, teve maior atuação no período seguinte.

O quarto período (1975-1984)

Caracteriza-se pela consolidação de várias entidades espeleológicas e publicações de grande importância nacional. Um dos marcos históricos é a organização da primeira expedição de permanência subterrânea no Brasil, chamada OPERAÇÃO TATUS, na qual 13 espeleólogos do Centro Excursionista Universitário (CEU-USP) ficaram 15 dias explorando a Caverna Santana (SP-041). No início desse período foram realizados vários estudos visando o aproveitamento turístico do Alto Ribeira, destacando o trabalho de Clayton F. Lino apresentado como tese de graduação em Arquitetura e Urbanismo, na FAU-Mackenzie que acabou subsidiando o "Roteiro das Cavernas da Região Apiaí-Iporanga", elaborado para a Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo (LINO, 1976).

O final dos anos 70 é marcado pelo aniversário de 10 anos da SBE, 20 anos do CAP. A comemoração desses eventos foi feita através de uma edição especial de Espeleo-Tema, destacando a publicação do primeiro cadastro oficial das cavernas brasileiras, elaborado por Peter Slavec e Clayton F. Lino e de um catálogo sobre a bibliografia espeleológica brasileira, compilado por Celso Zílio e Luis Enrique Sanchez.

Em 1979, é iniciado o movimento pelo tombamento do PETAR, reforçado por uma moção tirada durante o I. Simpósio Paulista de Espeleologia, realizado em 1980 no município de São Carlos, quando é obtido um apoio da União Internacional de Conservação da Natureza e

Recursos Naturais (IUCN), favorável à indicação da região do Vale do Ribeira como patrimônio natural de âmbito mundial. Em 1980 é publicado o primeiro livro sobre espeleologia no Brasil, "Cavernas Brasileiras", de LINO & ALLIEVI (1980). Ainda no início da década de 80, Guy C. Collet edita a sua "Contribuição para elaboração de um Glossário Espeleológico", baseado em levantamento sistemático da terminologia usada em Espeleologia.

São desenvolvidos importantes estudos arqueológicos em cavernas de Minas Gerais, devendo ser destacado os trabalhos da Missão Franco-Brasileira, coordenada por Annete Laming-Emperaire e seu continuador André Prous Poirier, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em relação a Paleontologia merecem destaque os achados feitos em abismos do Alto Ribeira-SP e em grutas do P.N. de Ubajara-CE, por equipes do CEU e os estudos de Castor Cartelle Guerra, pesquisador da UFMG.

Nesse período são formados vários novos grupos espeleológicos, sendo altamente produtivo para o desenvolvimento da espeleologia nacional e descoberta de inúmeras cavernas novas com fantástico potencial. Entre esses grupos temos: Clube de Amigos da Natureza-SP (CAMIN-1976), Espeleogrupo Michel Le Bret (1976), Espeleo Grupo de Brasília-DF (EGB-1977), Grupo Alpino Excursionista da Universidade Federal de São Carlos-SP (GAE-1978), Espeleo Grupo de Rio Claro-SP (EGRIC-1979), Núcleo de Atividades Espeleológicas-MG (NAE-1981), Grupo Espeleológico Paraense-PA (GEP-1982), Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas-MG (GBPE-1983), Espeleo Clube de Avaré-SP (ECA-1983), Grupo de Espeleologia da Geologia da Universidade de Brasília-DF (GREGEO-1984) e o Grupo de Estudos Ambientais da Serra do Mar-SP (GESMAR-1984).

O quinto período (1985-atual)

Esse período é marcado pela reestruturação da SBE, após dois períodos de instabilidade, apesar disso, foram criadas várias comissões e elaborados inúmeros projetos para aprimoramento técnico e científico, levando esse período a ser considerado como o mais produtivo, projetando, assim, a espeleologia brasileira no contexto internacional.

Entre os setores da SBE e comissões nacionais, destacam-se: o Departamento de Serviços (Mapoteca, Biblioteca, Cadastro Técnico, etc.), o Departamento de Proteção do Patrimônio

Espeleológico (DEPROPE) e suas Seções Jurídica e de Educação Ambiental, além da Comissão de Cadastro, Espeleometria e Províncias Espeleológicas (CCEPE), que posteriormente seria subdividida. Outras seções atuantes são criadas: Espeleologia Subaquática, História da Espeleologia, EspeleoSocorro, entre outras.

Surgem, nesse período, iniciativas dentro das universidades brasileiras que irão estimular pesquisas científicas ligadas à espeleologia, destacando-se a USP, UFOP e UnB. Isso explica o enorme aumento nos trabalhos monográficos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutoramento apresentadas, principalmente no final desse período.

O Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas (GBPE) toma a iniciativa de implantar, em 1985, o "Informe SBE", publicação bimestral cujo objetivo é manter os espeleólogos e aficionados no assunto por dentro do que estava ocorrendo no Brasil e no Mundo em relação à Espeleologia. Esse veículo de comunicação teve uma excelente penetração nos meios espeleológicos, adquirindo credibilidade e continuidade até os dias atuais, sendo que sua coordenação editorial é feita em forma de rodízio pelos próprios grupos de espeleologia.

Nesse período ocorre a OPERAÇÃO TATUS II (1987), onde 15 espeleólogos permanecem por 21 dias realizando estudos e levantamentos na Gruta do Padre (BA-052), no estado da Bahia. Ocorreram vários eventos: Encontros Paulistas de Espeleologia (EPELEO), Encontros Mineiros de Espeleologia (EMESPE), é realizado o I Congresso de Espeleologia da América Latina e do Caribe (1988) e continuam a ser promovidos Congressos Brasileiros de Espeleologia (CBE), realizado a cada dois anos, principalmente a partir de 1987. São, também, realizados vários convênios e parcerias entre a SBE e órgãos públicos ou ONG's, entre eles o IBAMA-DF, Instituto Florestal-SP, CETEC-MG, Fundação Florestal-SP, Fundação Museu do Homem Americano-PI (FUMDHAM), entre outros.

Em 1987, é descoberta a Toca da Boa Vista (BA-082), no sertão da Bahia, pelo GBPE, sendo hoje considerada uma das vinte maiores cavernas do Mundo, com mais de 65 km topografados. Em 1993, a Sociedade Carioca de Pesquisas Espeleológicas (SPEC) topografa a Gruta das Bromélias (MG-042),

localizada no Parque Estadual do Ibitipoca, que passa a ser considerada a maior gruta em quartzito do mundo. Por outro lado, em 1996, a descoberta de interligações com a Gruta do Centenário (Mariana-MG) levaram o GBPE a descobrir a mais profunda caverna em quartzito do mundo, contando com 401 m de desnível. Importantes projetos inter-grupos foram desenvolvidos nesse período, como o Projeto Caverna do Diabo (PROCAD), que envolveu, no período de 1990-1995, mais de 100 espeleólogos, representado 19 grupos de espeleologia, oriundos de 5 estados brasileiros.

Entre os grupos que se formaram nesse período merecem destaque: o Grupo de Estudos Espeleológicos Paranaense-PR (GEEP-Açungui-1986), o Grupo Espeleológico do Instituto de Pesquisas Curupira-Arara-MT (GEIPECA-1986), o Grupo Pierre Martin de Espeleologia-SP (GPME-1987), o Grupo Espeleológico de Campinas-SP (GESCAMP-1988), o Espeleo Grupo Richard Krone-SP (EGRK-1992) e a Sociedade Carioca de Pesquisas Espeleológicas (SPEC-1993), além de inúmeros outros grupos em várias regiões do Brasil, que tiveram importante papel para o conhecimento e divulgação da espeleologia brasileira. Esse período é marcado pela explosão dos lançamentos de boletins informativos dos grupos de espeleologia, entre eles merece destaque o Boletim "O Carste", editado pelo GBPE, por ter adquirido aceitação nacional e ser transformado em revista trimestral, a partir de 1995.

Os dados obtidos demonstraram também a trajetória da SBE no período de sua atuação (1969-1996), ressaltando a evolução do número de interessados, o avanço no desenvolvimento de estudos e técnicas espeleológicas, além da descoberta de inúmeras cavernas e ampliação dos conhecimentos sobre outras (Vide Quadro 1). Pôde-se observar profundo aumento no número de associados e simpatizantes da causa espeleológica, passando de 21 sócios (fundadores) em 1969 à 1053 associados em 1996 (dados de outubro). Ocorreu expressivo aumento do número grupos de espeleologia, 05 grupos (1969) para 85 grupos (1996). Houve também ampliação no número de cavernas descobertas e cadastradas, passando de — 300 (1976) para quase 2.500 (1996), sendo que a grande maioria concentra-se no estado de Minas Gerais.



Quadro 1- Trajetória das Gestões da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE),
Número de Sócios Individuais e Grupos Participantes (1969-1996).

GESTÃO	PERÍODO	PRESIDENTE-SBE	SÓCIOS	GRUPOS
1ª	69/70	Michel Le Bret (francês/SP)	21 (nov.69)	05
mudança	70/71	Pierre Martin (francês/SP)	52 (set.71)	-?-
2ª	71/73	Pierre Martin (francês/SP)	57 (fev.72)	-?-
3ª	73/75	Guy C. Collet (francês/nat.SP)	-?-	-?-
4ª	75/77	Clayton F. Lino (SP)	72 (1976)	-?-
5ª	77/79	Clayton F. Lino (SP)	160 (1978)	15
prorrogação	abr.80	Clayton F. Lino (SP)	--	--
6ª	80/81	Luís Henrique Sanchez (SP)	-?-	-?-
7ª	81/83	Guy C. Collet (francês/nat.SP)	-?-	-?-
8ª	83/85	Herman V. Silva (Rio Claro-SP)	-?-	-?-
9ª	85/87	João Allievi (SP)	150 (1986)	30
10ª	87/89	João Allievi (SP)	>500 (1989)	44
11ª	89/91	Cleide A. José (SP)	506 (1991)	46
reestruturação	91/92	José A. Labegalini (Mte São-MG)	--	--
12ª	92/93	José A. Labegalini (Mte São-MG)	684 (out.93)	-?-
13ª	93/95	José A. B. Scaleante (Campinas-SP)	986 (out.95)	78
14ª	95/97	José A. Labegalini (Mte São-MG)	1053 (out.96)	85

OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:

- | | |
|---|---------------------------|
| 1) Sede de Campo SBE (Bairro da Serra, Iporanga-SP) | 15/agosto/1970 (início) |
| 2) Sede/Escritório (São Paulo-SP) | 1975-1995 |
| 3) Nova Sede Executiva/Acervo (Monte São-MG) | 1992 (início) |
| 4) Laboratório Subterrâneo (Iporanga-SP) | 06/abril/1974 (início) |
| 5) Revista ESPELEOLOGIA (SEE/Ouro Preto-MG) | 1969-1975 (1997-retomada) |
| 6) Boletim Informativo SBE (nº1 ao 9) | Jul.1970-jul.1976 |
| 7) Revista ESPELEO-TEMA (nº10 em diante) | 1976 (início) |
| 8) InformAtivo SBE (nº1 ao 69) | 1985 (GBPE-início)/1997 |
| 9) Boletim "O Carste" (GBPE/Belo Horizonte-MG) | 1989 (início)/95-revista |
| 10) Realização de 23 Congr. Brasileiros de Espeleologia | Jul.1964-jul.1995 |

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho permitiu demonstrar a importância dos documentos e informações sobre a memória das atividades em cavernas brasileiras, através do volume e qualidade dos dados coletados e dos seus produtos terminados ou em fase de elaboração, tais como: livro "História da Espeleologia Brasileira", capítulo do "Manual de Espeleologia", atualização da "Bibliografia Espeleológica Brasileira", criação de um acervo de material audiovisual e subsídios para um Programa de Educação Espeleológica e para a implantação do Museu da Espeleologia Brasileira.

Percebe-se que após o período de reestruturação (1992) a SBE se consolida e ganha um rumo crescente no processo de envolvimento e articulação da Espeleologia. Mas o potencial é ainda muito grande, necessitando ampliar a divulgação nacional da Espeleologia e a difusão da importância dos estudos sobre a memória das atividades espeleológicas, com finalidade técnico-desportiva, educativa, ecoturística e preservacionista, de modo, a se atingir um conhecimento e proteção real das cavernas brasileiras.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLLET, G. C. (1985). **Quem é quem ... na espeleologia brasileira**. São Paulo: Grupo Espeleológico Bagrus.
- DEQUECH, V. (1940). "Atividades speleológicas no Brasil". Rev. Min. Eng. Belo Horizonte-MG.
- _____ (1987a) "Esboço histórico da espeleologia brasileira". **Rev. Escola de Minas**. Ouro Preto - MG: UFOP, 40 (4):4-6.



- _____ (1987b). "Cinquentenário da SEE: Sociedade Excursionista e Espeleológica". **Rev. Escola de Minas**. Ouro Preto-MG: UFOP, 40 (4):11-15.
- FIGUEIREDO, L. A. V. (1991) "Iporanga e Espeleologia: uma intimidade histórica". ENCONTRO PAULISTA DE ESPELEOLOGIA, II. **Resumos**. Iporanga-SP: GESMAR / EGAI/ SOS IPORANGA/ SBE, nov.
- GUIMARÃES, J.E.P. (1966). "Grutas calcáreas". **Bol. IGG**. São Paulo: IGG, 47: 9-70. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) (1939). As grutas em Minas Gerais. Belo Horizonte: IBGE.
- KRONE, R. (1909). "Grutas calcáreas do vale do rio Ribeira de Iguape". **Arq. Mus. Nacional**. Rio de Janeiro, 15:139-166. (Reeditado da. Rev. Inst. Geog. Geol., São Paulo: Secretaria de Estado da Agricultura, 1950).
- LE BRET, M. (1966) "Estudos espeleológicos no Vale do Alto Ribeira". **Bol. IGG**. São Paulo: IGG, 47:71-127.
- _____ (1995) **Maravilhoso Brasil subterrâneo**. Jundiaí-SP: Editora Japi.
- LINO, C. F. (1976) Vale do Ribeira: alternativa turismo. São Paulo: FAU/Univ. Mackenzie.
- _____ (1989) **Cavernas: o fascinante Brasil subterrâneo**. São Paulo: Rios.
- LINO, C. F. & ALLIEVI, J. (1980) **Cavernas brasileiras**. São Paulo: Melhoramentos.
- LUND, P. W. (1950) **Memórias sobre a paleontologia brasileira**. Revisão e comentários de C.P. Couto. Rio de Janeiro: INL. (Íntegra de originais publicados em vários periódicos brasileiros no período de 1884 a 1946).
- MATTOS, A. (1938). **Pré-história brasileira**. São Paulo: Nacional. (Coleção Brasileira).
- _____ (1939). **Peter Lund no Brasil**. São Paulo: Nacional (Coleção Brasileira).
- PAVAN, C. (1945) "Os peixes cegos das cavernas de Iporanga e a evolução". **Bol. FFCL-USP**. São Paulo: USP. (série Biologia Geral n°. 6).
- PEREZ, R. C. & GROSSI, W. R. (1980) "A espeleologia em Minas Gerais". In SIMPÓSIO PETER W. LUND. **Anais**. Belo Horizonte-MG: UFMG/FUNDEP, 1980.
- PIRES, A. O. S. (1922) "Speleologia". In Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. **Geographia do Brasil**. Rio de Janeiro.
- SÁNCHEZ, L. E. (1986) "Bibliografia espeleológica brasileira". **Ciência e Cultura**. Rio de Janeiro: SBPC, 38(5):927-931, maio.
- TRAJANO, Eleonora. (1992) "Cavernícolas brasileiros: uma bibliografia bioespeleológica". **Espeleo-Tema**. São Paulo: SBE, 16:103-108.